

MARECHAL MANOEL DEODORO DA FONSECA O PROCLAMADOR DA REPÚBLICA

Cláudio Moreira Bento

Faz um século, que em 15 de novembro de 1889, uma sexta-feira, que o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, liderando tropas de guarnição do Rio de Janeiro (Corte) penetrou no Quartel General do Exército, local do atual Palácio Duque de Caxias, no Campo de Santana, onde se reunia o Gabinete Ouro Preto. E como feliz desfecho de uma bem urdida, coordenada, sucedida e incruenta conspiração republicana, o Gabinete foi deposto sem nenhuma resistência ou protesto expressivo. Assim, segundo Calmon, "Deodoro apoderou-se da situação, conquistou o governo e passou a presidir o futuro", proclamando a República, à tardinha, através do Decreto nº 1 do Governo que passou a presidir, regime consagrado mais tarde pelos Constituintes de 1891.

A República era idéia antiga desde a Colônia, quando teve seu momento maior na Inconfidência Mineira, liderada pelo alferes do Exército Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, hoje Patrono Cívico da Nacionalidade. Depois de 1882, entre as tentativas republicanas registra-se a República Rio-Grandense, única experiência republicana concreta entre nós, que durou quase 10 anos e surgiu em função da Revolução Farroupilha (1835-45).

Sem Deodoro, com apoio expressivo da Guarnição Militar da Corte, (Exército, Marinha, Polícia Militar e Bombeiros), segundo declarou mais tarde Quintino Bocayuva, líder civil do movimento, "ainda hoje estaríamos em propaganda republicana, dentro das muralhas do 3º Reinado". Assim através do Marechal Deodoro, falaram os republicanos olindenses, os inconfidentes mineiros e baianos, os poetas da Inconfidência Mineira, os libertários pernambucanos de 1817 e 1824, a quase maioria dos deputados gerais da Regência, os rio-grandenses e catarinenses farroupilhas, os sabinos da Bahia, os civilistas de São Paulo, os vereadores gaúchos signatários da moção plebiscitária de São Borja, os clubes republicanos brasileiros, os abolicionistas, os militares e ainda em 15 de novembro de 1889, o povo do Rio de Janeiro (Corte) através de sua Câmara que também proclamou a República.

O Marechal Deodoro era natural de Alagoas e era filho da espartana brasileira Rosa da Fonseca. Coursou a Escola Militar de

1843-48. Fez toda a Guerra do Paraguai (1865-1870) ou “de fio a pavio” como costuma dizer.

Nela obteve suas promoções a major, a tenente coronel e a coronel por atos de bravura. Continuando a praticar atos de reiterada bravura, foi agraciado com diversas medalhas. Seu corpo era marcado de cicatrizes de combate, inclusive do ferimento grave, a bala, recebido no baixo ventre na batalha de Itororó. Em 1873, ele e seus irmãos libertaram todos os escravos da família. Foi o fundador e primeiro Presidente do Clube Militar em 26 de Junho 1887.

Em 26 de Outubro de 1887, assinou histórica petição a Princesa Izabel pedindo para liberar o Exército do encargo de captura de escravos fugidos, ou a célebre recusa do Exército de fazer o papel de capitão-de-mato. Em 1886, havia sido Presidente e Comandante das Armas da Província do Rio Grande quando colocou-se na liderança da principal vertente da Questão Militar, que envolveu o coronel Sena Madureira.

Exerceu a Presidência da República até 24 de fevereiro de 1891, quando renunciou para evitar provocar derramamento de sangue entre irmãos brasileiros, conforme manifestou à Nação.

Deodoro foi o grande soldado brasileiro, ideal e providencial para proclamar e instalar de modo incruento a nossa centenária República.

Desprendido, preferiu até a deixar sua carreira e abrir mão de um título imperial e uma cadeira no Senado para ficar fiel às suas convicções.

Foi leal, valente, heróico, generoso e prisioneiro do dever militar e da honra da Pátria. Seus restos mortais e de sua esposa repousam em seu monumento na Praça Paris, no Rio. Foi em essência um soldado. Um grande soldado brasileiro. E possuiu, em seu tempo, em alto grau a nobreza da bravura militar conquistada a duras penas nos funéreos campos do Paraguai, em defesa da Soberania e da Integridade do Brasil.